

ANÁLISE GEOGRÁFICA SOBRE A CULTURA FORROZEIRA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL-REI, MINAS GERAIS

Geographical analysis of forró culture in the city of São João del-Rei, Minas Gerais state, Brazil

Gabriela Souza dos Santos

Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2306-0811>
gabrielasouzasts@gmail.com

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-7328>
adelaine.carbonar@ufsj.edu.br

Patrícia Martinelli

Universidade Federal de São João del-Rei
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6324-1627>
pmartinelli@ufsj.edu.br

Artigo recebido março/2025 e aceito em maio/2025

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender como o forró se (re)elabora em São João del-Rei, Minas Gerais, a partir de espaços destinados à prática da cultura forrozeira. Constitutivo da construção da identidade nacional, o Forró tornou-se Patrimônio Cultural do Brasil em 2021, porém, sua capilaridade no território nacional se reelabora em práticas e vivências coletivas que podem se inscrever de modo heterogêneo do ponto de vista espacial. Neste sentido, foram realizadas 23 entrevistas semiestruturadas aplicadas em quatro espaços em que o forró é praticado na cidade. Os dados foram analisados a partir da metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Os resultados obtidos apontam que, dentre os espaços forrozeiros, podem-se perceber diferentes marcadores sociais, revelando interações e barreiras simbólicas entre os grupos. Assim, a espacialidade do forró é dinâmica, co-constitutiva e diversa, ao mesmo tempo que tem seus limites impostos baseados nos acessos à cidade e à informação. A pesquisa contribui ainda de forma inédita com uma leitura das relações entre os espaços da cultura forrozeira na cidade e para além dela, fornecendo subsídios para abordar pontos estratégicos de fomento a essa importante manifestação do patrimônio cultural do Brasil em sua diáspora numa cidade sudestina.

Palavras-chave: Espacialidade do Forró; Cultura São-joanense; Geografia Cultural.

ABSTRACT

This article aims to understand how forró is (re)elaborated in São João del-Rei, Minas Gerais, based on spaces dedicated to the practice of forró culture. Constituent of the construction of national identity, Forró became Cultural Heritage of Brazil in 2021, however, its capillarity in the national territory is reworked in collective practices and experiences that can be inscribed in a heterogeneous way from a spatial perspective. In this regard, 23 semi-structured interviews were conducted in four spaces where

farró is practiced in the city. The data were analyzed using the content analysis methodology proposed by Bardin (1977). The results obtained indicate that within the farró spaces, different social markers can be perceived, revealing interactions and symbolic barriers between the groups. Thus, the spatiality of farró is dynamic, co-constitutive and diverse, while at the same time having its limits imposed based on access to the city and information. The study also offers an original contribution by examining the relationships between the spaces of farró culture within the city and beyond, providing a basis for addressing strategic points for the promotion of this important expression of Brazil's cultural heritage in its diaspora within a southeastern city

Keywords: Spaciality of farró; São João Culture; Cultural Geography.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como o farró se (re)elabora em São João del-Rei, Minas Gerais, a partir de espaços destinados à prática da cultura forrozeira. Para tanto, foram estabelecidos objetivos específicos para melhor inteligibilidade do fenômeno, a saber: (1) Identificar o perfil dos forrozeiros que vivenciam os espaços destinados à cultura do farró de São João del-Rei, Minas Gerais; (2) Analisar como estes espaços forrozeiros contribuem para a dinâmica espacial da cidade; (3) Verificar como estes espaços se conectam na produção socioespacial da cultura forrozeira são-joanense.

A importância social, histórica e econômica do farró é perceptível nos espaços onde essa cultura se (re)elabora, de forma que em 2021 as matrizes tradicionais do farró foram tombadas enquanto patrimônio histórico imaterial do Brasil, reconhecendo inclusive sua transferência para outros gêneros (Oliveira, 2021).

Souza (2008, p. 7) atribui os espaços onde a prática do farró é exercida como um “(...) espaço social onde as relações articuladas pelos frequentadores da festa estão em movimento. Momentos que provocam os corpos e as mentes, que passam de uma dimensão para outra”. Segundo a autora, as pessoas que frequentam estas espacialidades vivem experiências singulares, as quais são beneficiadas pelas relações sociais ali presentes, seja pelo ambiente, público, música ou dança. Assim, esta relação complexa, que vai muito além de uma expressão cultural de determinada região, está imbricada com uma prática que é (re)elaborada ao longo do tempo sobre o fazer-se pessoa forrozeira.

Pelo menos desde o ano de 2015, quando uma das autoras desta pesquisa começa a residir em São João del Rei, a existência da cultura do farró nos meios universitários se torna perceptível. As bandas que tocavam em festas possuíam essa característica de divergirem ou integrarem mais instrumentos do clássico trio: triângulo, sanfona e zabumba. Muitas pessoas também apresentavam intimidade com a estrutura da dança que hoje compreendemos ter sido desenvolvida na região sudeste. A ausência da vivência em ambientes de farró que não fossem majoritariamente de público universitário, condicionou o surgimento de alguns questionamentos.

Em um primeiro momento, ao entender as diferenças culturais nos diferentes espaços, surgiu o interesse em compreender como a cultura forrozeira desenvolvida na região nordeste adentra a região sudeste brasileira, considerando inclusive o caráter xenofóbico. Por onde ela encontra espaço para percolar e quais são os espaços da cultura do forró. Outro questionamento se refere ao quanto a cultura do forró mantém a tradição e o que se modificou no processo de integração com a cultura são-joanense, bem como esses espaços foram reformulados a partir dessa modificação, pensando a cidade mineira de São João del Rei. Por fim, considerando que o forró em sua origem representava o espaço do qual se originava e o constituía, é importante refletir se o forró reproduzido atualmente em São João del Rei carrega alguma identificação e tem alguma ação sobre a cidade ou é apenas comercial e de viés econômico.

Neste sentido, foram selecionadas quatro espacialidades do forró: a “Universidade do Forró”, que está inserida em um campus da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); o bar “Boêmios”, que foi registrado nessa pesquisa como “Rua da Cachaça”, espacialidade na qual está inserido e se sobressai ao bar, frequentada no momento do forró predominantemente por pessoas que se relacionam de alguma forma com a UFSJ (docentes, discentes, corpo técnico e comunidade acadêmica em geral); o “Social Futebol Clube”, localizado no bairro Matozinhos, frequentado principalmente por pessoas da cidade de São João del Rei; e o “Bar do Taz”, próxima a uma das principais vias da cidade, a Avenida Leite de Castro, frequentado por pessoas de São João del Rei e convidados de pessoas que residem na cidade.

As entrevistas realizadas foram transcritas e alimentaram o banco de dados desenvolvido no Excel e que, posteriormente, foram sistematizadas e analisadas com base na análise de conteúdo de Bardin (1977), buscando analisar o que está oculto da superfície textual. Assim, evidenciamos um total de 782 evocações discursivas. Estas foram organizadas segundo categorias espaciais, constituídas por suas respectivas categorias discursivas. Portanto, esse trabalho está estruturado em dois momentos principais: o primeiro discute a relação entre espaço e a cultura forrozeira a partir de um viés geográfico proporcionando um embasamento para as reflexões abordadas posteriormente, constituindo, assim o segundo momento, o qual discute as conexões entre as espacialidades do forró e como elas se constituem na cultura forrozeira em São João del Rei.

2. ESPAÇO, CULTURA FORROZEIRA E A ANÁLISE GEOGRÁFICA

Podemos pensar os espaços que a cultura forrozeira são-joanense (re)elabora na cidade a partir de uma perspectiva de Doreen Massey (2004). Para a autora, o espaço pode ser pensado a partir de três fatores: (1) como produto de inter-relações; (2) constituído por multiplicidade, com trajetórias

coexistindo e; (3) da necessidade de considerá-lo mediante uma perspectiva aberta, ou seja, espaço em constante elaboração, contanto que sejam consideradas as relações de poder existentes.

Neste sentido, as categorias espaciais delineadas a partir das análises e dos dados categorizados mediante entrevistas, a saber: ‘Espacialidade do forró’, ‘Corpo’, ‘Cidade’, ‘Casa’, ‘Rua da Cachaça’, ‘Universidade do Forró’, ‘Bar do Taz’, ‘Social’, ‘Escola’ e ‘Boêmios’, são as expressões do produto das inter-relações permitidas pela multiplicidade de trajetórias coexistindo e, embora sejam espaços de possibilidade, sem trajetória e resultados definidos, ainda são considerados os atravessadores que possibilitam maior poder sobre a (re)elaboração daquele espaço.

Ao analisar a perspectiva de Massey (2007, p. 152), quando discorre sobre geometrias de poder para pensar a constituição espacial, evidencia "a esfera da justaposição - ou coexistência - de narrativas distintas, como produto de relações imbuídas de poder", ou seja, não serão todas as multiplicidades constituintes da espacialidade que terão o mesmo peso no momento de elaborar o espaço e embora existam as especificidades, existem também as leituras sociais que predeterminam quais das multiplicidades terão maior possibilidade de ditar as regras da elaboração de determinado espaço e quais ficarão majoritariamente subordinadas a imposição, ou quais ainda nem existirão.

Atualmente, em São João del Rei, a presença do forró também pode ser percebida no centro histórico da cidade, mas esse espaço conquistado é uma novidade com menos de dez anos. A cultura do forró era desenvolvida principalmente em bares e clubes tradicionais da cidade em bairros não centrais, com um público majoritariamente local ou residentes de cidades vizinhas. Para entender essa expansão da espacialidade do forró, é necessário entender a trajetória histórica cultural do Forró.

O estímulo para o reconhecimento do forró surgiu através da política de incentivo à cultura, proposta durante o governo de Getúlio Vargas, que fomentou o desenvolvimento de diversos programas de auditório em rádios no Brasil. Foi despertado o interesse de coronéis da região Nordeste, que viam a perda de poder econômico e conseqüentemente seu poder político para o sudeste do país, desde o início do século XX. Com o intuito de criar uma identidade para o território e assim conseguir demarcá-lo foi incentivado o crescimento da cultura do forró (Nunes, 2014; Souza, 2014), que rememorava as vivências sertanejas, propondo assim um sentimento de identificação da população (Bijalba, 2017). É nesse contexto que se cria a figura do sertanejo Luiz Gonzaga:

Inspirado pelo sucesso do sanfoneiro Pedro Raimundo, que se vestia a caráter, de bombacha, enaltecendo o sul do país, Gonzaga decidiu: “Ele canta muito bem o sul, eu vou cantar o norte. Ele é gaúcho, vou ser cangaceiro.” (Marcelo; Rodrigues, 2012, p. 32) (...) Assim, Gonzaga buscou, com esforço consciente, símbolos que associassem ao “Norte”, adotando definitivamente ritmos, letra e vestimenta que o representassem. Em sua fala, o nortese seria uma referência à terra natal, no sertão pernambucano, na região nordeste do país. O baião estava identificado com uma realidade regional, rural, de atraso e pobreza (Bijalba, 2017, p. 19).

Portanto, o forró enquanto ritmo musical considerado tradicional é, na verdade, uma organização de diversos elementos da cultura sertaneja executada pelo artista Luiz Gonzaga e aproveitada pela indústria fonográfica da década de 1940 com o intuito de fornecer respaldo político para a consolidação de um território. Em contrapartida, o forró, em sua complexidade, é uma festa caracterizada por diversos ritmos musicais como o xaxado, o baião, o xote, entre outros e, portanto, são diversas as formas de dançar, e são também diversas as origens de cada estilo, e até mesmo o clássico trio: sanfona, triângulo e zabumba, são uma construção artística de Luiz Gonzaga:

Eu vinha cantando sozinho, mas eu precisava de um ritmo, porque a música nordestina precisava de couro, couro que eu digo é couro de cachorro, couro de bode, negócio pra bater que no Rio de Janeiro se usa couro de gato, né!? Então primeiramente eu criei a zabumba baseado nas bandas de couro lá do sertão, aquelas que nós chamamos de esquentá 'muié', mas a zabumba só, eu fiquei assim, com a asa quebrada, precisava descobrir um instrumento bastante vibrante, agudo, pra brigar com a zabumba. Até que vi no Recife passar um menino vendendo cavaco chinês, aquele tubo nas costas tocando o 'tchingling', como eles chamavam o 'tchingling', aí fazia aquilo com uma certa cadência, né!? E pronto! Achei o marido da zabumba. (Trecho retirado do documentário 'Forró, minha vida'. Youtube, 19 de jan., 2015¹).

Segundo Bijalba (2017), essa organização proposta pelo artista atravessou muitos corpos migrados do Nordeste do país para o Sudeste, em busca de melhores oportunidades de emprego, devido às letras das composições gerarem uma identificação com a trajetória de vida conhecida pelos forrozeiros, o que levou a um sucesso do ritmo nos grandes centros urbanos do Sudeste do país. Mas assim como o forró teve seu fomento devido a intenções políticas, com o decorrer dos anos, e com a mudança de interesses, foram a Bossa Nova e MPB que passaram a ser priorizadas pelas rádios.

Embora não estivesse sob os holofotes midiáticos, o forró é uma cultura complexa que, portanto, continuou a se desenvolver em diversas ramificações a partir do seu atravessamento com as culturas locais. Quadros Junior e Volp (2005), afirmam que é a partir da década de 1970 que ele retorna com uma sonoridade que alguns pesquisadores já leem como o forró universitário, porém, desenvolvido por pessoas da região Nordeste.

Ainda que saibamos que as divisões políticas regionais não são delimitadores culturais, aqui são utilizadas como facilitadores para uma referência de localização e entendimento de atravessadores culturais, políticos e sociais locais. É apenas no final da década de 1990 que o forró universitário passa a ser desenvolvido enquanto estilo musical comercial e principalmente por bandas da região Sudeste (Quadros Junior e Volp, 2005), o que pode ser percebido nas letras das músicas que descrevem outra espacialidade devido ao seu outro referencial.

Conforme Quadros Junior e Volp (2005), o forró eletrônico que igualmente o forró universitário se recria até hoje, foi desenvolvido em período concomitante e em localidade que pode ser compreendida pela região Norte do país. E, atualmente, uma das vertentes do forró eletrônico, o

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MjKe8-O2B4I>>. Acesso em: 20 set. 2023.

piseiro, tem sua origem relacionada à pisadinha que foi desenvolvida no interior da Bahia, região Nordeste, por Nelson Nascimento (Oliveira Junior e Araújo, 2020).

A constituição da pisadinha evidencia referências musicais do forró eletrônico unido ao xote (Oliveira Junior e Araújo, 2020), enquanto a dança parece se desdobrar do xaxado, esse encontro e recriação mostram que a cultura não é algo que surge do isolamento e nem estática, mas as inter-relações específicas de um determinado lugar a tornam inerente a ele, portanto, a espacialidade do forró se recria de acordo com cada localidade, seja qual for a escala de escolha para análise espacial.

Como propõe Doreen Massey (2007) para um novo entendimento de lugar, este seria um lugar de encontro do qual sua especificidade se dá a partir das particularidades das inter-relações ali estabelecidas. Ainda se utilizando de um conceito de Massey (2004) sobre a multiplicidade, ao pensar que: “sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço” é possível compreender que muitos desses elementos que constituem essa multiplicidade, como a dança, a música, o festejo e até mesmo algumas leituras sociais do corpo forrozeiro possuem origem semelhante e pontos de conexão que geram uma identidade, ainda que seus atravessamentos e consequentes trajetórias sejam diversos.

Essa perspectiva apresentada permite entender que o desenvolvimento de cada estilo ramificado do forró é um produto das relações coexistentes no lugar de origem desse estilo. No entanto, o lugar no espaço, considerando inclusive o tempo ao qual é atribuída sua criação, gera um posicionamento social de determinado estilo a partir das relações de poder. Sendo o forró universitário desenvolvido na região Sudeste; o forró “tradicional”, atribuído à região Nordeste; e o forró eletrônico atribuído à região Norte, o qual se distancia do tradicional: “O eletrônico atende às massas populares enquanto o forró universitário atende às elites de classe média de áreas nobres dos centros urbanos. O forró tradicional é o subgênero que se mostra sob a condução do trio sanfona, zabumba e triângulo, inspirada ainda no cânone do forró, Luiz Gonzaga” (Bijalba, 2017, p. 20).

Portanto, a espacialidade do forró elaborada e reelaborada por essas multiplicidades caracterizadas por diferentes estilos musicais, diferentes corpos, com seus atravessadores políticos, econômicos, sociais e culturais, terá uma localização específica no espaço que a cidade compreende. Sendo essa localização específica também um elemento da multiplicidade, enquanto ela mesma é reelaborada por essa relação de coexistência e justaposição com a espacialidade do forró.

Ao compreender o conceito que Doreen Massey (2007, p. 152) aborda sobre a (re)elaboração do espaço, entendendo “o espacial como a esfera da justaposição - ou coexistência - de narrativas distintas, como produto de relações sociais imbuídas de poder” se faz primordial nessa pesquisa indagar quais são as espacialidades (re)elaboradas e quais são os atravessamentos distintos que cada uma recebe, pois cada espaço tem maior ou menor possibilidade de coexistência de trajetórias

(narrativas), maior ou menor poder de justaposição e consequente (re)elaboração do espaço a partir do produto das multiplicidades que o constituem.

3. CULTURA FORROZEIRA EM SÃO JOÃO DEL-REI: ESPACIALIDADES DO FORRÓ E SUAS CONEXÕES.

Buscando compreender como o forró se (re)elabora em São João del-Rei, Minas Gerais, a partir de espaços destinados à prática da cultura forrozeira, foram realizadas 23 entrevistas semiestruturadas com pessoas que vivenciam/vivenciaram os espaços em que o forró é praticado na cidade. As entrevistas realizadas foram transcritas e alimentaram o banco de dados desenvolvido no Excel e que, posteriormente, foram sistematizadas e analisadas com base na análise de conteúdo de Bardin (1977), buscando analisar o que está oculto da superfície textual. Assim, evidenciamos um total de 782 evocações discursivas. Estas foram organizadas segundo categorias espaciais, constituídas por suas respectivas categorias discursivas (Quadro 1).

Quadro 1: Categorias Espaciais e Categorias Discursivas.

Categorias Espaciais	Categorias Discursivas
Casa Corpo Rua da Cachaça Boêmios Bar do Taz Social Universidade do Forró Escola Cidade Espacialidade do Forró	Vivência do Forró Preconceito Machismo História do Forró UFSJ Relações Familiares Origem do Forró

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

O contato com as pessoas ocorreu de forma aleatória em espaços destinados para o forró em São João del Rei, a saber: ‘Bar do Taz’, ‘Social’, ‘Rua da Cachaça’ e ‘Universidade do Forró’. Os nomes das pessoas entrevistadas foram ocultados em respeito ao anonimato, sendo utilizados nomes de grandes forrozeiros do Brasil: Anastácia, Marinalva e Mestrinho. As entrevistas também possibilitaram estabelecer um perfil socioeconômico das pessoas participantes. Dentre os sujeitos da pesquisa, na perspectiva de gênero, 60,9% são mulheres e 39,1% são homens. No viés racial, 8,7% se autodeclararam negros, 56,5% se autodeclararam pardos, 26,1% se autodeclararam brancos e 8,7% foram categorizados em “outros” (autodeclarações como “não branca” ou “moreno caucasiano”). Referente ao nível de escolaridade, 21,7% possuem ensino fundamental, considerando I ou II, 26,1% possuem ensino médio, completo ou incompleto, 39,1% detêm ensino superior, completo ou em curso, 8,7% dispõem de algum nível de pós-graduação e 4,3% não informaram.

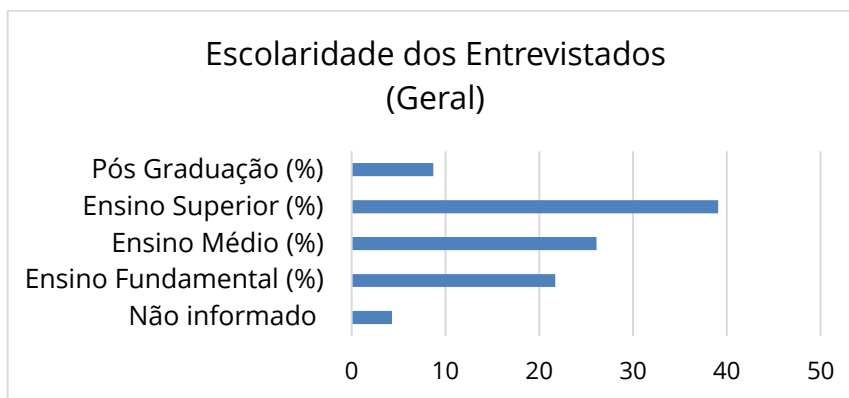


Figura 1 – Escolaridade das pessoas entrevistadas.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

A relação entre escolaridade, identidade étnico/racial e espaço para a prática do forró das pessoas entrevistadas foi um ponto importante a ser analisado (Figuras 2 e 3). Ao atribuir os dados coletados aos espaços de forró onde foram realizadas as entrevistas, contabilizam-se no estabelecimento ‘Bar do Taz’, referente ao grau de escolaridade: 50% das pessoas entrevistadas com ensino fundamental I ou II, 16,7% com ensino médio completo ou incompleto, 16,7% com ensino superior e 16,7% não informado. Relativo à categorização racial, 50% se autodeclararam pardas, 16,7% negras, 16,7% se consideram brancas e 16,7% foi categorizado em “outros”.

Na espacialidade da ‘Universidade do Forró’, apenas duas classificações de escolaridade foram apresentadas, na qual a maioria, 80%, possui ensino superior completo ou em curso, e 20% possuem ensino médio completo. Na leitura étnico-racial, também foram apontadas apenas duas identificações, sendo 40% de pessoas brancas e 60% de pessoas pardas.

No ‘Social’ também são apontadas apenas duas classificações de escolaridade, das quais, das pessoas entrevistadas, 33,3% possuem ensino fundamental, I ou II e 66,7% possuem ensino médio completo ou incompleto. Na classificação Identidade étnico/racial, todas as pessoas entrevistadas declararam como pardas.

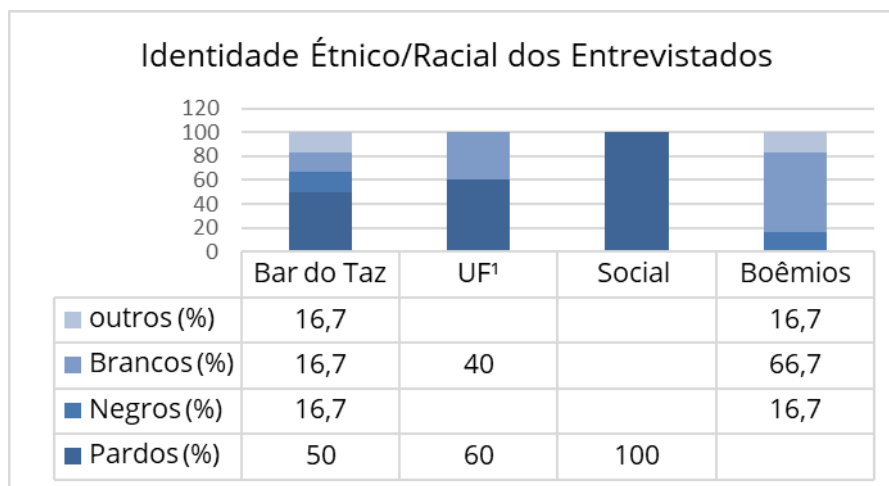


Figura 2 – Identidade Étnico/Racial das pessoas entrevistadas, por espacialidade.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022. (¹) Universidade do Forró.

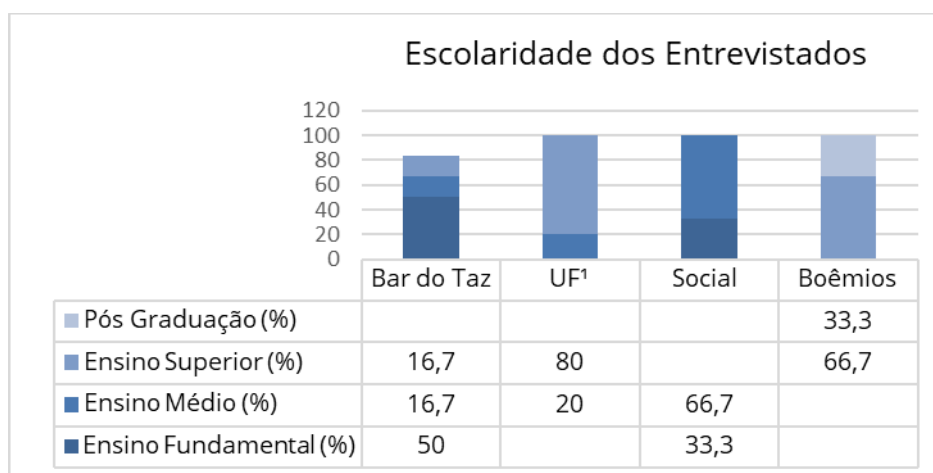


Figura 3 – Escolaridade das pessoas entrevistadas, por espacialidade.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022. (¹) Universidade do Forró.

O número de classificações referentes às escolaridades categorizadas a partir das entrevistas realizadas no ‘Boêmios’ (Rua da Cachaça) não difere da maioria aqui apresentada. Foram duas classificações, das quais 66,7% das pessoas entrevistadas possuem ensino superior completo ou em curso e 33,3% das pessoas entrevistadas possuem algum nível de pós-graduação. Na categorização da identidade étnico/racial, foram classificados em três grupos: 66,7% das pessoas entrevistadas se autodeclararam brancas, 16,7% se autodeclararam negras e 16,7% foram classificadas em “outros”. Outro dado considerável é que apenas 30,4% das pessoas entrevistadas são originárias de São João del-Rei, sendo em sua maioria encontradas no ‘Bar do Taz’ e no ‘Social’, enquanto apenas 4,34% são pertencentes à ‘Universidade do Forró’, e nenhuma das pessoas entrevistadas no ‘Boêmios’ é originária da cidade.

A análise dos dados levantados confere que os níveis de escolaridade, classificações étnico/raciais e os espaços de forró onde foram realizadas as entrevistas estão relacionados. Inclusive

com os lugares na cidade onde esses corpos entrevistados e espaços de forró podem se (re)produzir. Como afirma Alfonsi (2007, p. 27), “em uma sociedade cuja desigualdade social é forte e deixa marcas visíveis nos equipamentos urbanos, a localização de uma casa de forró pode dizer muito a respeito do que está associado a ela. Entra em jogo o porquê dos termos classe e, principalmente, classe média serem frequentemente utilizados para classificar os bailes de forró universitário”.

Com o perfil dos entrevistados traçado, podemos nos aprofundar nas análises das entrevistas. Assim, foi possível categorizá-las em dois universos distintos a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977): (a) as categorias espaciais, que se referem aos espaços evocados nos discursos dos sujeitos, bem como (b) as categorias discursivas, as quais dizem respeito sobre ‘o que’ o sujeito está falando.

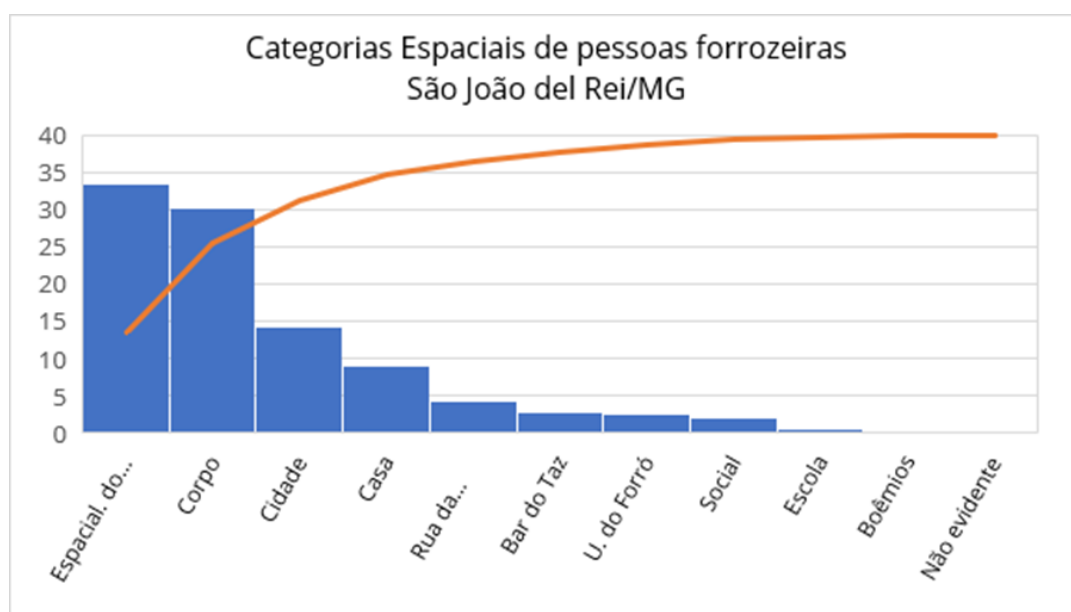


Figura 4 – Categorias Espaciais de pessoas forrozeiras em São João del Rei/MG.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

A partir da figura acima, podemos evidenciar que as categorias ‘Corpo’ (30,12%), ‘Cidade’ (14,29%) e ‘Espacialidade do Forró’ (33,54%), são três categorias em destaque, indo ao encontro com as discussões de Souza (2008), quando argumenta sobre os espaços do forró como espaço social que, não obstante, produz a cidade, bem como os próprios corpos do ‘ser forrozeiro’. Assim, a figura 5 a seguir apresenta as categorias discursivas da categoria espacial ‘Espacialidade do Forró’ (33,54%).

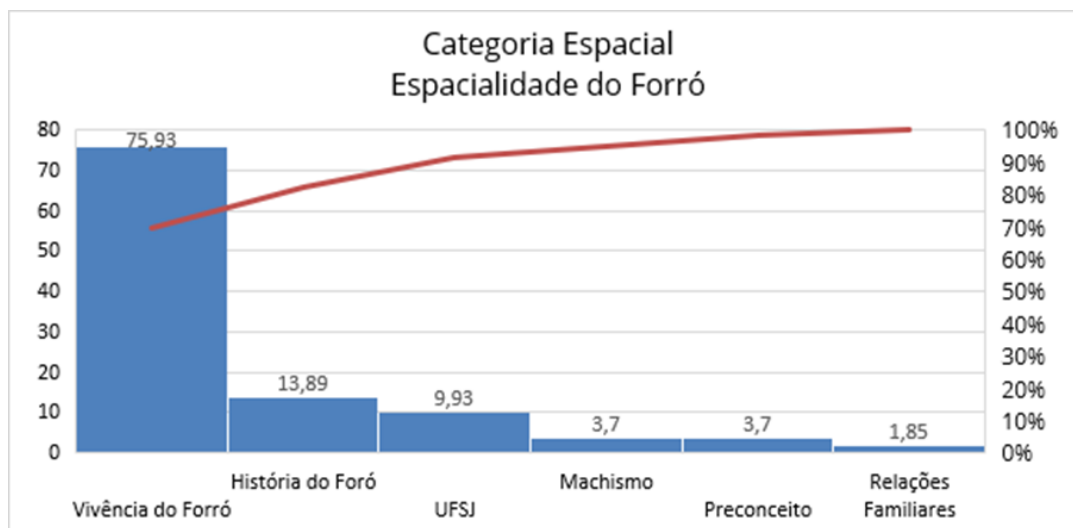


Figura 5 – Categorias Discursivas de pessoas forrozeiras em São João del-Rei, Minas Gerais. Categoria Espacial - ‘Espacialidade do Forró’

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

A categoria espacial ‘Espacialidade do Forró’ foi a mais evidente durante a pesquisa. Dentre as categorias discursivas presentes nesta categoria espacial, a ‘Vivência do Forró’ foi predominante, com 75,93% das evocações. Esta categoria apresenta exposições diversas das pessoas forrozeiras entrevistadas, como: com quem a pessoa forrozeira dança, modalidades de dança, aprender a dançar e escutar músicas de forró, portanto, a introdução ao “ser forrozeiro”, espaços que frequenta para a prática, preferência por instrumentos, e até mesmo sentido do forró para si.

A fim de saber se as pessoas se interessavam por outros aspectos do forró ou se existiriam outras origens sabidas sem ser a da organização estabelecida por Luiz Gonzaga e difundida pela indústria fonográfica, as pessoas entrevistadas foram questionadas sobre a história do forró e por esse motivo, impulsionadas por essa questão na entrevista, que a categoria discursiva ‘História do Forró’ se apresenta como a segunda categoria de maior porcentagem da “Espacialidade do Forró”. No entanto, evidencia-se que a maioria das pessoas entrevistadas desconhece qualquer história e, algumas poucas pessoas relataram a tradicional organização elaborada pelo artista Luiz Gonzaga.

Embora tenha uma porcentagem pequena em relação às outras categorias discursivas, a categoria discursiva ‘Machismo’ (3,70%) nesta categoria espacial aqui discutida, deve ser considerada com grande importância, pois de todas às vezes que essa categoria discursiva foi registrada, 80% ocorreram na espacialidade do forró. Houve relatos de situações de assédio a proposições para lidar com essa questão nesta espacialidade:

(...) inclusive tem vários coletivos assim que já existem, né de outros estados, eu não conheço nenhum que seja de minas gerais, mas porque eu conheço o forró faz bem pouco tempo, um mês e meio, eu conheço um coletivo de são paulo, conheço um coletivo do rio, conheço um coletivo do espírito santo, mas do sudeste também, é... que a proposta desses coletivos é justamente essa, né, combater o machismo nesses espaços e aqui em são joão eu não vejo muito a galera falando sobre isso, mas eu também não acho que seja uma coisa que

impossibilita, que tem encontros que são muito positivos e aí é isso, né, aos pouquinhos a gente vai construindo um espaço mais seguro. (Entrevista realizada com Anastácia em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022).

Assim como a categoria discursiva ‘História do Forró’ (13,89%), a categoria ‘Preconceito’ (3,70%) também se manifestou por estímulo da entrevista, cujo intuito era saber se as pessoas forrozeiras já haviam sofrido qualquer preconceito e/ou discriminação referente a este aspecto. Felizmente, nenhuma das pessoas entrevistadas sofreu esse tipo de violência por serem forrozeiras.

É possível que as espacialidades do forró sejam produzidas a partir das relações familiares, o que ocorreu em 1,85% das evocações apresentadas. As relações entre indivíduos da família que por diversos estímulos e atravessadores se tornaram forrozeiros também produziram efeitos que transformaram um corpo em um corpo forrozeiro e, assim, esse corpo e a espacialidade do forró foram se constituindo mutuamente.

(...) é de família, eu minha irmã, meu irmão, a gente tudo dança, dança não só forró, a lambada, entendeu? Na época, na época de a lambada tava no auge, nós chegamos a participar do concurso de lambada, aqui em São João, na época, há 22 anos atrás e ganhamos alguns prêmios, troféus na época. O forró ainda não era tanto quanto era a lambada, a lambada tava no auge, o forró estava em ascensão. (Entrevista realizada com Mestrinho em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022).

São diversos os atravessadores que constituem essa categoria espacial, são sobreposições de tempos, socializações de viés institucional às regras sociais que permeiam o não dito. E em escala cartográfica, é possível analisar uma espacialidade do forró maior ou menor, inserida ou extrapolando a cidade, e certamente elaborando e sendo elaborada por esta categoria espacial, a “Cidade”.

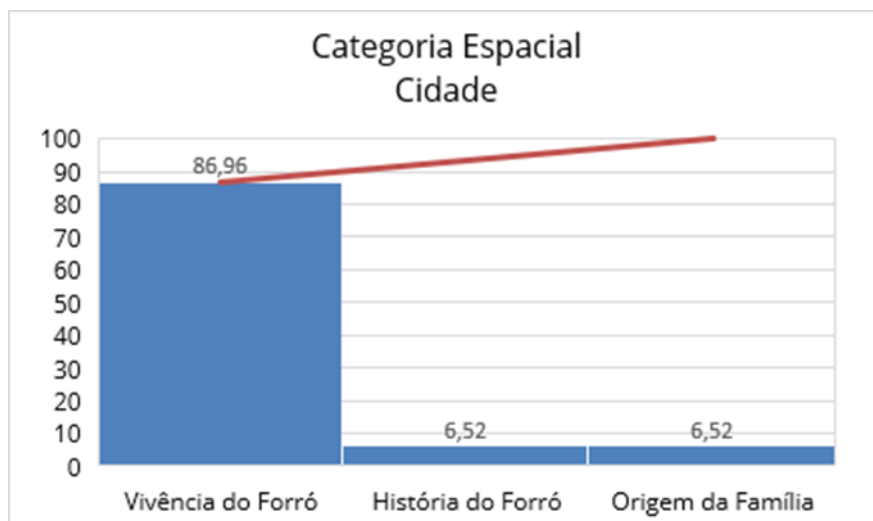


Figura 6 – Categorias Discursivas de pessoas forrozeiras em São João del-Rei, Minas Gerais. Categoria Espacial - ‘Cidade’.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

A categoria espacial ‘Cidade’ é constituída por três categorias discursivas. A ‘História do Forró’, ocupa 6,52%, devido ao fato de algumas pessoas atribuírem a origem e desenvolvimento do forró a alguma cidade específica ou até mesmo contarem a trajetória de um estilo de dança na cidade onde residiram:

Então eu estava vindo da capital em 2004, fiquei de 2004 a 2009/2010 em Barbacena. Nesses 6 anos, 7 anos que eu fiquei lá, eu fiz vários amigos, amizades e devido a essas amizades, eu, nós, criei um grupo de “amigos do forró” e como eu disse, eu tinha facilidade de dançar e eu aprendia, pegava os passos. Eu aprendi lá em Barbacena o forró universitário. (Entrevista realizada com Mestrinho em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022).

Provocações oriundas ainda da necessidade de saber a origem do apreço das pessoas forrozeiras por essa cultura certamente fomentaram essa outra categoria discursiva: a ‘Origem da Família’ a qual também detém 6,52% das evocações. No entanto, a maioria das respostas obtidas atribuía a cidade natal de seus ancestrais de até segundo grau a cidades próximas a São João del-Rei, sendo apenas uma entrevistada com família de origem de outra região que não a Sudeste.

Despontando na categoria espacial ‘Cidade’, a categoria discursiva ‘Vivências do Forró’ possui 86,96% das evocações, nas quais as pessoas discorrem principalmente sobre como percebem o forró na cidade de São João del-Rei e / ou na cidade onde moram, e algumas também traçam comparativos entre estas. Todos os apontamentos demonstram que as pessoas entrevistadas consideram a cultura forrozeira com forte fomento na cidade de São João del-Rei, o que torna interessante é que quando as pessoas apontam características dos espaços de forró e atividades de forró das quais elas conhecem ou possuem referência, cada pessoa tem uma perspectiva e a partir do lugar de onde elas falam, seja lugar corpo, lugar espacialidade do forró, quanto maior a semelhança entre esses lugares de onde partem as perspectivas, mais similares serão as referências. É como se existissem cidades diversas dentro de uma mesma cidade, como uma sobreposição de realidades.

Corpos com atravessadores similares se relacionam com elementos fixos da paisagem de forma semelhante e esse sentido atribuído permeia o imaginário coletivo deste grupo com atravessadores sociais semelhantes, o que parece criar um circuito que produz uma espacialidade específica na qual alguns fixos são atribuídos de sentido inerente a essa espacialidade constituída e alguns fluxos sequer são notados. Durante uma entrevista, denominada aqui como Anastácia, uma pessoa jovem, universitária e que não é originária de São João del-Rei, fez a seguinte declaração:

Eu estranhei muito quando eu vi que era uma cultura de jovens, porque na minha cidade, eu venho do sul de Minas, né, é um lugar onde é muito reservado pra terceira idade, pelo menos o pouco acesso que tive ao forró era mais de terceira idade. (Entrevista realizada com Anastácia em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022).

Enquanto durante as entrevistas no ‘Social’ houve declarações sobre jovens não se interessarem pela cultura forrozeira e o depoimento de uma senhora de 70 anos que se deslocava com um grupo

de amigas da cidade de onde morava até o clube para vivenciar o forró, Marinalva declara: “Lá em Resende de Costa não tem forró não, aí eu escolhi aqui que eu gosto de vir aqui. Que é bom, né!?”. Portanto, é perceptível que coexistem diversas maneiras de viver e produzir a cidade, mas que por vezes essas justaposições de realidades podem se relacionar e se influenciar, pois também são constitutivas.

São muitas e diversas as multiplicidades que elaboram a categoria espacial ‘Cidade’ e embora em cada corpo se concentre também uma subjetividade, devido a essa semelhança de atravessadores que se imaginam de uma família, alguns elementos similares que podem constituir esse corpo território conduziram à pesquisa a entender como o forró se constitui na categoria espacial ‘Casa’ (Figura 7).

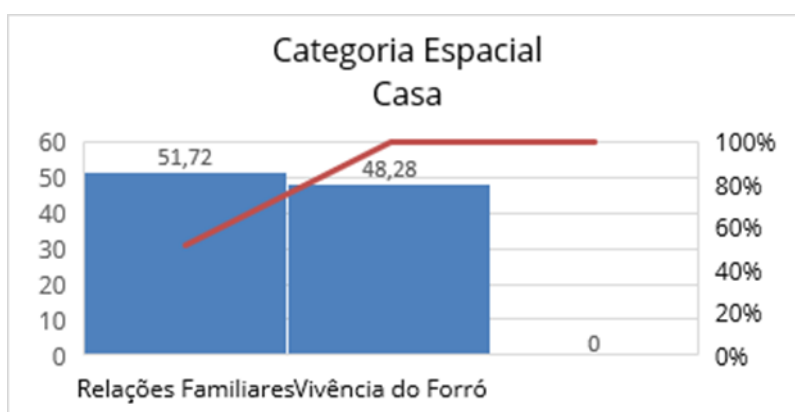


Figura 7 – Categorias Discursivas de pessoas forrozeiras em São João del-Rei, Minas Gerais. Categoria Espacial - ‘Casa’.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

A fim de buscar conhecer a origem do apreço pelo forró foram direcionadas perguntas sobre as relações familiares com toda a cultura forrozeira, portanto, quando a categoria discursiva “Relações Familiares” apresenta 51,72% das evocações da categoria espacial “Casa”, é referente a resposta fornecida à pergunta, sendo existente ou não uma relação entre o contexto familiar e a cultura forrozeira.

No entanto, a categoria discursiva ‘Vivência do Forró’, que expressa 48,28% das evocações, se relaciona diretamente com a categoria espacial observada nessa figura. Sendo assim, as relações familiares que também produzem um corpo forrozeiro e uma espacialidade do forró existiam já em outra espacialidade, a casa. Neste contexto, foram a existência deste lugar e as relações ali estabelecidas que permitiram a vivência do forró e conseqüente elaboração de outros espaços.

A categoria discursiva ‘Vivência do Forró’ (100%) também está presente na categoria espacial ‘Escola’ (0,62%), sendo a única categoria discursiva obtida nesta categoria espacial. Por ser uma

categoria que se apresentou em apenas uma entrevista e com proporções menores, não foi considerada necessária a apresentação de um gráfico. Contudo, está aqui referida por evidenciar que um mesmo elemento pode constituir diferentes espacialidades e a individualidade desta espacialidade é o que produz o resultado inerente a esta.

Das multiplicidades constituintes da elaboração espacial, entender que o corpo, um dos elementos presentes nessa (re)elaboração, é também, uma categoria espacial é um facilitador para a compreensão de como perspectivas políticas, sociais, culturais e econômicas reproduzidas em escala global podem se manifestar e constituir uma espacialidade inserida em uma cidade do interior de um estado, que em escala cartográfica seria consideravelmente menor.

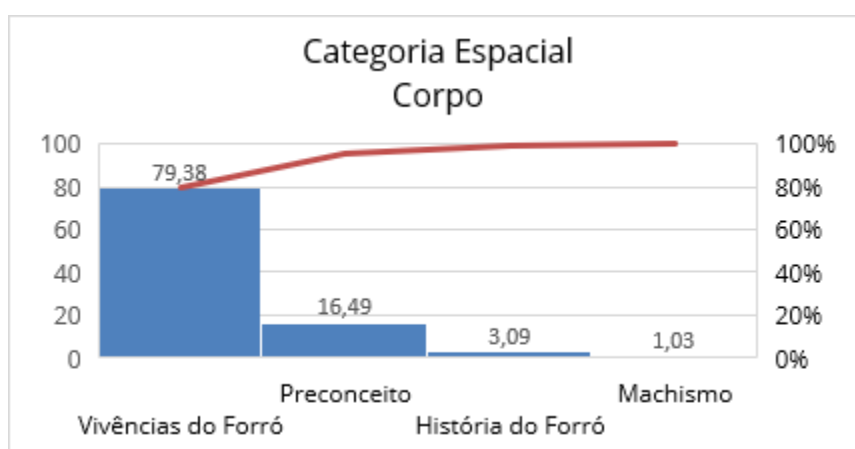


Figura 8 – Categorias Discursivas de pessoas forrozeiras em São João del-Rei, Minas Gerais. Categoria Espacial - ‘Corpo’.

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

Em uma perspectiva geográfica, Santos (2021) argumenta que o corpo é além de todas as capacidades sensoriais e subjetividades que o constituem, também um acumulado de histórias, saberes e disputa de poderes. No qual todos esses elementos se relacionam entre si, e a partir de estímulos síncronos internos e externos e promovem tanto a (re)elaboração do espaço corpo quanto das outras espacialidades que se correlacionam.

Na categoria espacial “Corpo” (30,12%) foram apresentadas quatro categorias discursivas: “Vivência do Forró” (79,38%), “Preconceito” (16,49%), “História do Forró” (3,09%) e “Machismo” (1,03%). As categorias “História do Forró” e “Preconceito”, como já apontado anteriormente, foram despertadas devido às questões apresentadas durante a entrevista, no entanto, a maioria das pessoas entrevistadas nunca sofreu preconceito e/ou discriminação referente ao forró. Uma evocação traz o preconceito dentro do forró por conta de seus atravessadores sociais, como questões de gênero e profissão, pois a espacialidade do forró não está deslocada das normas sociais.

Referente a “História do Forró”, as evocações que foram atribuídas a essa espacialidade se devem ao fato das pessoas associarem o saber aos seus corpos, seja pela vontade de conhecer a história ou do saber através do corpo, saber produzido pela dança.

A categoria “Machismo”, que prevalece na categoria espacial “Espacialidade do Forró”, aparece aqui em menor proporção, mas com esse diferencial notável, da violência que não paira no ar, que se materializa para além dos “não ditos” das regras sociais, ela se concretiza no corpo:

aqui no Boemios aconteceu uma vez de eu dançar com uma pessoa que eu não conhecia que inclusive hoje eu não aceito mais convite dessa pessoa que a gente dançou e tal, foi meio travado assim a dança, na hora dos giros o cara não sabia muito bem e doía um pouco meu pulso e no final, aí, beleza, deu pra dançar e não foi a dança e aí no final o cara sem me pedir permissão e tal me deu um beijo assim, foi muito angustiante, mas eu só consegui meio que perceber isso depois, conversando com outras pessoas sobre isso. (Entrevista realizada com Anastácia em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022).

Perceber que o comportamento do seu par dançante não era o do seu conhecimento de repertório gerou estranhamento; como aponta Bijalba (2017, p. 21): “O forró agora é direcionado ao público jovem, mais elitizado, de classe média, dançado com técnicas corporais elaboradas, muitas vezes com sotaque de outras danças de salão como a salsa, o samba e o zouk.” Aqui se evidencia uma contradição que, amparada pela teoria de centro e margem para pensar o espaço paradoxal de Rose (1993), se torna possível compreender. Ao mesmo tempo, em que Anastácia estaria em um lugar de maior acesso por deter o conhecimento das técnicas da dança e estar conforme alguns atravessadores sociais apontados por Cláudia Bijalba o que a colocam no centro do poder em relação ao assediador, que desconhecia as técnicas da dança, Anastácia fica à margem e o assediador toma o centro do poder por ser homem.

Compreender que as espacialidades são co-constitutivas e detentoras de relações de poder leva ao entendimento de que espacialidades são mais ou menos favoráveis para que outras espacialidades co-existam, a exemplo do assédio, o qual só foi reconhecido e legitimado a partir do olhar do outro. Quando a entrevistada aponta que só conseguiu perceber a violência conversando com outras pessoas, demonstra que na espacialidade da Rua da Cachaça, esse corpo de uma mulher, desacompanhada, branca, universitária e forrozeira teve a possibilidade de existência e poder sobre seu corpo território, o que poderia não acontecer em outras espacialidades devido à constituição dos atravessadores daquele local.

Apesar da aproximação dos corpos, no forró universitário há um código implícito de respeito que deve ser seguido. Olhando de fora, o casal pode parecer apaixonado, mas na maioria das vezes a intimidade faz parte de um jogo cênico, é mais uma representação, um exercício corporal de prazer na dança e pela dança que não supõe necessariamente o envolvimento emocional entre os pares. (Bijalba, 2017, p. 23).

As informações, referências e acessos que um corpo possui também são elementos constituintes da sua multiplicidade e ainda influenciam em sua cosmo percepção (Miranda, 2020) e, por esse motivo, as experiências presentes na categoria discursiva “Vivências do forró” são múltiplas e diversas.

Dentre as declarações nas entrevistas são citados os instrumentos favoritos que compõem as bandas, quais os estilos musicais que mais se identificam para escutar e para dançar, como a dança entrou em suas vidas e a percepção de mudanças a partir desse momento.

A prática da dança e a presença na espacialidade do forró foram citadas em inúmeros momentos como terapêuticas, lugar de cura e sociabilização. No entanto, essa identificação tem cor, classe e lugar na cidade para ocorrer. Ao responder ao questionamento sobre a percepção de alguma mudança na vida desde o início da prática do forró, 77,3% percebiam mudança, contra 22,7% que não percebiam nenhuma alteração. Das pessoas que nada percebiam de diferente, 20% eram negros e 80% pardos, enquanto dentre as pessoas que percebiam alguma alteração na vida, 47,1% eram brancas, 5,9% eram negras, 41,2% pardas e 5,9% pertenciam à categoria que não foi classificada. Assim como aponta Djamilia Ribeiro (2017), explica Collins:

Quando falamos de ponto de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria principalmente um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades. (Ribeiro, 2017, p. 61).

Ainda que surja o questionamento se a dança é algo tão naturalizado no corpo que sequer seja percebida sua importância enquanto elemento constituinte de si, das pessoas que não percebem mudança, 60% dança desde a infância ou adolescência e 40% das pessoas entrevistadas começaram a dançar na fase adulta, enquanto das pessoas que percebem o afeto da dança em seu corpo, 35,3% dançam desde a infância e a adolescência e 64,7% conheceram e se envolveram com a dança na fase adulta, porém, mesmo as pessoas autodeclaradas brancas que iniciaram a relação com a dança antes da fase adulta (37,5%) são capazes de perceber a influência da dança em si.

Referente aos dados de percepção do corpo relacionados à dança, vemos que a cosmopercepção e consequente poder sobre seu corpo território é majoritário entre as pessoas brancas. Ao adotar o conceito de corpos território que possuem limiares e não fronteiras (Santos, 2021) e entender o dinamismo entre dentro e fora devido à oscilação de centro e margem (Rose, 1993), é válido afirmar que as diferenças raciais restringem acessos e o corpo negro tem seus acessos restritos tanto fora quanto dentro de si, isso se evidencia pela não percepção do espaço que o constitui o não cosmopercepção do seu corpo - território.

Onde esses espaços também são permitidos, coexistir e elaborar novas espacialidades também são determinadas pelas relações de poder atuantes. Trazer essa reflexão para os espaços sociais do forró selecionados para a realização das entrevistas, será mais um elemento das multiplicidades constituintes das espacialidades até o momento discutidas.

3.1. Espaços Sociais do Forró: “Universidade do Forró”. “Social”, “Bar do Taz” e “Rua da Cachaça” (Boêmios).

Foram selecionados quatro locais onde era sabida a prática do forró em São João del-Rei para que fossem realizadas entrevistas e, assim como foi apontado no início desta discussão sobre a importância da posicionalidade, as escolhas resultaram desse aspecto. Enquanto universitária e forrozeira, afirmo que a Universidade do Forró e principalmente a Rua da Cachaça são lugares conhecidos pela comunidade discente universitária. Em contrapartida, foi necessária uma maior pesquisa para encontrar espaços destinados ao forró que não fossem relacionados à UFSJ.

A ‘Universidade do Forró’ foi um projeto iniciado em 2014, desenvolvido por Marcos Fernando Marques, aluno da UFSJ, que em declaração feita para entrevista veiculada pela ‘Vertentes Agência de Notícias’ afirma: *“que logo sentiu falta do forró que dançava em sua cidade, Ipatinga–MG. Sempre procurou pela dança aqui, na cidade, mas o que encontrava não o agradou”*, a partir desta motivação e conseguinte adesão de discentes da universidade, a localização geográfica do projeto também foi intencional, Marques aponta: *“O Campus Dom Bosco (CDB) foi escolhido por estar no centro de São João del-Rei, o que possibilita que os alunos dos Campus Santo Antônio e Tancredo Neves também possam participar²”*. Atualmente, o projeto segue sendo executado no CDB com grande adesão inclusive de pessoas não universitárias, mas quando não integrantes da UFSJ, são, em sua maioria, migrantes de outras cidades para São João del-Rei.

Citado constantemente nas entrevistas como “ambiente familiar”, o ‘Social’, nomeado oficialmente por Social Futebol Clube, é provável possuir essa característica devido a sua origem, como relata o antigo presidente do clube, Zanetti Neto, em trecho publicado no jornal online ‘O Grande Matosinhos’, destacado do livro ‘Bairro de Matosinhos, Berço da Cidade de São João del Rei’, de José Cláudio Henriques:

Fundado no bairro considerado de baixa renda e de pequena população na época, estava destinado ao fracasso, assim como outros que o antecederam. Contrariando, porém, todos os prognósticos, o Social F. Clube encontrou em Dona Cotinha, genitora do Dr. Paulo Campos, uma ferrenha defensora dos ideais dos fundadores. Colocando à disposição do clube uma

² Vertentes Agência de Notícias. “Universidade do Forró” aproxima comunidade e estudantes. 2017. Disponível em: <<https://jornalismo.ufsj.edu.br/van/universidade-do-forro-aproxima-comunidade-e-estudantes/>>. Acesso em: 19 set. 2023.

faixa de terreno de sua propriedade, para que nele se iniciasse, de modo concreto, a trajetória gloriosa do clube, Dona Cotinha lançava a semente do futebol “xavante”³.

Alguns outros trechos do livro publicados na matéria ‘Chico Explosão assume seu 2º mandato no Social’, presente no jornal online ‘O Grande Matosinhos’, destacam essa tradição familiar e de amizade, de relação de pessoas que moram no bairro Matosinhos com o clube. Sentimento de pertencimento que até os dias atuais perpassam as pessoas que frequentam o ‘Social’.

Outro espaço social do forró selecionado para entrevistas foi o ‘Bar do Taz’ localizado no bairro Fábricas, próximo a Av. Leite de Castro, embora de caráter primordialmente comercial, a subjetividade existente nas relações que dão o sentido ao lugar se faz presente, atraindo principalmente pessoas que moram próximas ao bar ou pessoas convidadas de quem mora próxima e frequenta. Provável motivo pelo qual também carrega o adjetivo de “ambiente familiar” durante as entrevistas.

Atualmente, na Rua da Cachaça, o estabelecimento onde é tocado o forró se chama ‘Boemios’, mas nesse texto a Rua da Cachaça foi colocada a todo tempo em evidência, devido ao fato do estabelecimento ‘Boemios’ estar inserido na espacialidade da rua. Enquanto o bar surgiu no primeiro dia de outubro do ano de 2021, a Rua da Cachaça é reelaborada há alguns séculos.

Segundo Teixeira *et al.* (2018), a conhecida Rua da Cachaça chegou a ser nomeada também como ‘Rua da Alegria’, devido à cultura da época de nomear as ruas segundo seus usos e características. Ainda que no presente momento com menor extensão, pois algumas casas foram demolidas no início do século XX devido ao processo sanitarista e por influência do urbanismo de alguns países europeus, e tenham dado lugar à Praça Dr. Salatiel (Teixeira *et al.*, 2018). A rua continua a carregar sua particularidade de fomentar a vida noturna.

Essa breve apresentação dos espaços sociais do forró foi originada da intenção de se fazer entender o valor de uso, o sentimento de pertencimento, o sentido dos lugares que foram apresentados para que seja possível fazer uma análise das relações que ocorrem entre eles, caso ocorram, e das possibilidades de reelaboração junto às outras espacialidades aqui pensadas.

A figura a seguir evidencia os espaços sociais do forró, quanto mais intensa a cor, mais conexões são estabelecidas. Cada nó está conectado com outras espacialidades. Assim, é possível analisar esse sistema interligado em profundidade e relacionar as conexões realizadas no que diz respeito à espacialidade da cultura forrozeira são-joanense.

³ Jornal O Grande Matosinhos. Disponível em: <<https://www.ograndematosinhos.com.br/social.htm>>. Acesso em: 19 set. 2023.

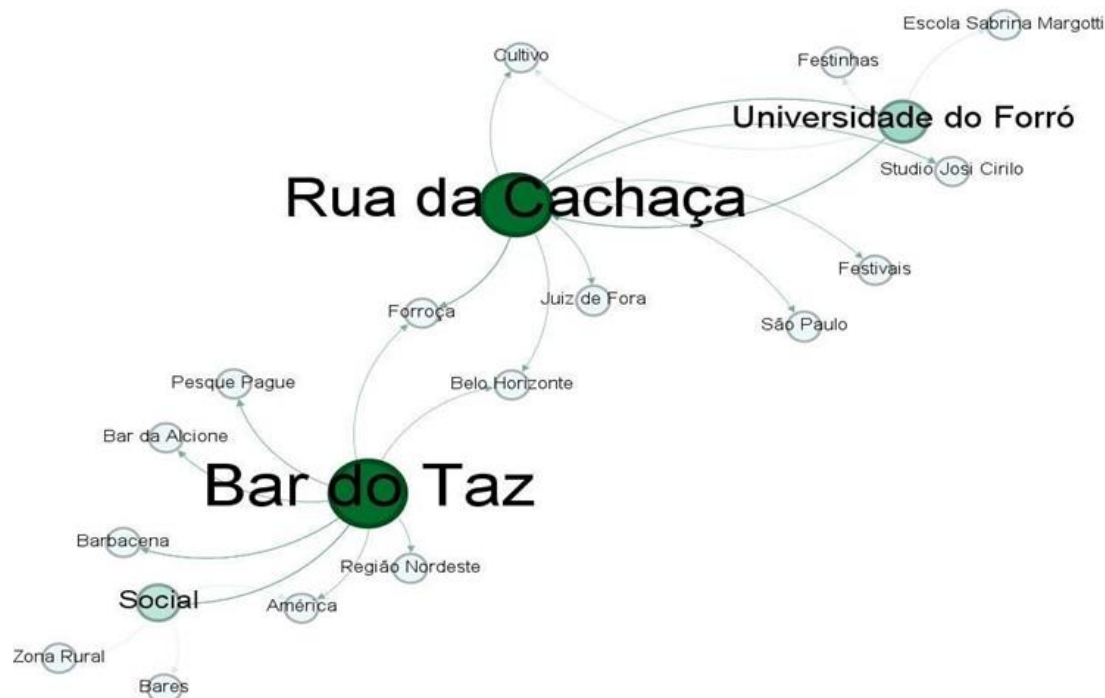


Figura 9 - Espaços Sociais do Forró na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais

Fonte: Entrevistas realizadas com pessoas que praticam o forró em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os meses de agosto e setembro de 2022.

Se torna evidente a maior relação entre as espacialidades compostas por grupos sociais migrantes. O mesmo ocorre em espacialidades constituídas por grupos sociais de originários da cidade de São João del-Rei e região. Pessoas que estiveram no ‘Bar do Taz’ frequentam o ‘Social’ e frequentadores de ambas as espacialidades constituem majoritariamente espacialidades de forró da região.

Observa-se na figura 9 que entre a ‘Universidade do Forró’ e a ‘Rua da Cachaça’ ocorre um vínculo de retroalimentação. A ‘Universidade do Forró’ alimenta a ‘Rua da Cachaça’ com pessoas que tiveram acesso à técnica do forró universitário e pessoas que durante o momento que frequentaram o forró na rua e se sentiram despertadas pela dança, também são possíveis novas alunas.

Os outros nós registrados na figura 9 apresenta relação com os dois espaços sociais do forró elaborado primordialmente por migrantes e/ou universitários se caracterizam (a) por serem distantes de São João del-Rei; (b) por também serem elaborados principalmente por universitários; (c) por serem escolas de dança. Dos dezesseis nós apresentados além dos espaços escolhidos para as entrevistas, apenas dois mantêm relação tanto com o espaço tradicional quanto com o formulado por universitários.

Neste momento é elucidado a suposição acima que indaga sobre a diversidade de cidades dentro de uma mesma cidade, como se houvesse uma sobreposição de realidades. Os espaços sociais do forró pouco se sabe, dialogam ou atravessam, mas embora seja consideravelmente reduzida essa relação, não se pode considerá-la inexistente.

Os corpos, elementos das multiplicidades constituintes dessas espacialidades não são estagnados na espacialidade do forró, eles são também atravessados por ela, mas não apenas, pois também possuem outros atravessadores e (re)elaboram outras espacialidades e nesse momento é onde se torna possível que diálogos aconteçam.

Para tanto, é necessário que também se pense qual é o projeto de cidade que se tem hoje, pois existe um poder político sobre o território de São João del-Rei, o qual é hábil de moldar quais espacialidades serão passíveis de (re)elaborar a cidade, e quais serão suprimidas.

A cidade hoje se transforma em mercadoria como desdobramento do processo de produção do espaço tornado mercadoria no seio do processo da produção capitalista. Neste movimento, o valor de troca suplanta o valor de uso, estrangulando-o, trazendo como consequência a degradação das relações sociais na cidade através do aprofundamento da segregação espacial. (Carlos, 2020, p. 353).

A contextualização dos lugares escolhidos para a realização das entrevistas, o levantamento de dados das características socioeconômicas das pessoas entrevistadas e o aporte teórico apresentado proporcionam uma análise geográfica sobre em quais lugares essas espacialidades podem coexistir e em qual lugar na escala de poder e interesse estão na cidade de São João del-Rei. Assim, a cultura forrozeira também produz a cidade, a partir da correlação, co-constitutividade, dinamismo e relações de poder inseridos nesta (re)elaboração.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O forró enquanto manifestação espacial de um patrimônio da cultura brasileira foi pesquisado neste trabalho, revelando sua plasticidade e aderência conceitual carregada de historicidade e de uma espacialidade fluída.

O esforço de identificar o perfil dos forrozeiros que vivenciam espaços destinados à cultura do forró em uma cidade sudestina, sugere que a reelaboração destes espaços se dá numa relação plural e atravessada por marcadores de interseccionalidade. É válido se atentar ao plural, pois são diversas as espacialidades do forró que se constituem na cidade e foram constatadas duas nesta pesquisa. Dissonantes em sua constituição, preferência musical, lugar na cidade e que muito se relacionam com identidade étnico/racial e escolaridade.

Existe a espacialidade universitária, com maior número de pessoas brancas e com escolaridade, em sua maioria, em ensino superior que se localizam na própria estrutura física da universidade e ainda no centro da cidade. E existe a espacialidade do forró produzida por pessoas majoritariamente pardas e negras, com apenas ensino fundamental ou médio e poucas com ensino superior localizadas em clubes ou bares que pouco se relacionam com a espacialidade forrozeira universitária.

No entanto, não são apenas as características citadas que tornam essas espacialidades mais ou menos próximas. A espacialidade do forró produzida por pessoas locais tem suas casas, história, vivências em São João del-Rei ou região, e tem preferência pela tradição, apontam o ambiente familiar como característica positiva. Valorizam o que se entende por ser da região, o que entendem por tradição e valores familiares, em meio a isso reproduz também a heteronormatividade e o machismo.

Em contrapartida, na espacialidade do forró universitário é onde se encontra a pessoa forasteira, cada corpo carrega em si atravessamentos muito diversos, por também se constituírem em espacialidades muito diversas. A similaridade, muitas vezes, é o ser pessoa forasteira e/ou universitária, portanto, ser diferente entre si e do tradicional. Mas a similaridade está também no atravessamento racial que se apresenta nesses corpos, a maioria das pessoas brancas se encontram na espacialidade do forró universitário e as pessoas brancas são maioria na ‘Rua da Cachaça’, rua localizada no centro da cidade, que também é estigmatizada por seu histórico secular de fomento à vida noturna.

Em algumas entrevistas percebe-se que foi a espacialidade da casa que produziu um corpo forrozeiro, por vezes foi a escola ou até mesmo a espacialidade do forró que produziu esse corpo. A Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) produz uma espacialidade do forró inserida em seus muros e que os extrapola ao dialogar com uma rua de histórico boêmio no centro da cidade de São João del-Rei. Um clube tradicional de futebol reelabora essa espacialidade forrozeira ao produzir um evento de forró semanal que atrai mais de 500 forrozeiros.

Portanto, a espacialidade do forró é dinâmica, co-constitutiva e diversa, ao mesmo tempo que tem seus limites impostos baseados nos acessos à cidade e à informação. Existe um controle subjetivo, um muro que se constrói através do ritmo de forró que se toca, da estrutura da dança, da cor da pele e do gênero entre as espacialidades que podem se constituir. Sendo assim, embora seja aberta essa (re)elaboração espacial com possibilidades incontáveis, alguns diálogos não parecem interessantes ao poder vigente e essas impossibilidades atravessam e são (re)produzidas nessas espacialidades.

Com bases nestas considerações, a pesquisa contribui ainda de forma inédita com uma leitura das relações entre os espaços da cultura forrozeira na cidade e para além dela, fornecendo subsídios para abordar pontos estratégicos de fomento a essa importante manifestação do patrimônio cultural do Brasil em sua diáspora numa cidade sudestina.

REFERÊNCIAS

- ALFONSI, D. A. **Para todos os gostos:** Um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do forró. Dissertação. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. 288p.
- BIJALBA, C. M. P. **Do sertão às metrópoles:** O forró universitário, seus múltiplos significados e novas identidades urbanas. 2017. 79 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- CARLOS, A. F. A. “Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, p. 349-369, 2020.
- MASSEY, D. “Imaginando a Globalização: Geometrias de Poder de Tempo - Espaço”. **Revista Discente Expressões Geográficas**, n. 3, p. 142-155, 2007.
- MASSEY, D. **Pelo Espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 314p.
- MIRANDA, E. O. **Corpo - Território e Educação Decolonial:** Proposições Afro - Brasileiras na Invenção da Docência. Salvador: EDUFBA, 2020. 210p.
- NUNES, E. B V. M.; SOUZA, E. B V. M. “O forró e suas configurações: a aliteração, a mulher, o homem, o movimento corporal e o ambiente nas canções forrozísticas”. **Revista Entrelinhas**, v. 8, n. 1. p. 21-28, 2014.
- OLIVEIRA, I. **Forró é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Iphan.** CNN. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/forro-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-imaterial-pelo-iphan/>>. Acesso em: 15 out. 2023.
- OLIVEIRA JUNIOR, J.; ARAÚJO, W. A. “Masculinidades de Plástico, Próteses de Aparelhagem: O Nordeste do Piseiro na Performance Pop do Forró Eletrônico no Nordeste Contemporâneo”. **Revista Tropos:** Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 9, n. 2, p. 1-27, 2020.
- QUADROS JUNIOR, A. C.; VOLP, C. M. “Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro”. *Motriz*, v. 11, n. 2, p. 117-120, 2005.
- RIBEIRO, D. **O que é:** Lugar de Fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. 96p.
- ROSE, G. **Feminism & Geography.** The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993. 216p.
- SANTOS, E. M. “Topografias dos Caminhos Possíveis para o Corpo na Geografia”. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 38, n. 3, p. 551-574, 2021.
- SILVA, J. M. “Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica”. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, Cláudia L. Z. **Maneiras de ler geografia e cultura.** Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

SOUZA, F. “**Universidade do Forró**” **Aproxima Comunidade e Estudantes**. Vertentes Agência de Notícias, 2017. Disponível em: <<https://jornalismo.ufsj.edu.br/van/universidade-do-forro-aproxima-comunidade-e-estudantes/>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SOUZA, M. A. V. **Forró: que festa é essa? Rituais, sociabilidades e habitus** construídos. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TEIXEIRA, A. B.; ANDRADE, N. C.; ALVES, S. F. N. S. C. “Historical Rescue of Dr. Salatiel Square: The Garden of the Cachaça’s Largo São João del-Rei, Minas Gerais State, Brazil”. **Ornam. Hortic.**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 34-43, 2018.